

De Onde se Interroga a Verdade? Perspectivas da Psicanálise Lacaniana

Where is the Truth Questioned From? Perspectives of Lacanian Psychoanalysis

¿Desde Dónde se Interroga la Verdad? Perspectivas del Psicoanálisis Lacaniano

D'où s'Interroge la Vérité ? Perspectives de la Psychanalyse Lacanienne

 10.5020/23590777.rs.v25i3.e14605

Helena de Almeida Cardoso Caversan  

Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Psicóloga clínica e pesquisadora.

Wilson Camilo Chaves  

Mestre em Filosofia e Metodologia das Ciências pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Professor Titular (Aposentado) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei- UFSJ.

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite  

Docente do Departamento de Psicologia da UEMG - Divinópolis. Pesquisadora do Outarte: psicanálise entre ciência e arte (UNICAMP). Graduada em Psicologia (UFMG). Especialização em Psicopedagogia Clínica e institucional (UEMG). Mestra e Doutora em Linguística (UNICAMP). Pós-Doutora em Clínica psicanalítica do sujeito e do laço social (Université Toulouse II - França). Psicanalista, membro do Parlêtre: Psicanálise, Pesquisa e Transmissão.

Resumo

Este artigo se organiza em torno do que Lacan apresenta no “Seminário, livro 18 – De um discurso que não fosse semblante: de onde se interroga a verdade?”. A partir de uma proposta metodológica de revisão de literatura, recorreremos ao percurso lacaniano acerca da noção de verdade em seu ensino, que o conduziu a tal questionamento. Para isso, tomamos como linha-guia o reconhecimento de dois paradigmas principais: o antropológico e linguístico estrutural, presente nas décadas de 1950 e 1960, e o paradigma lógico-matemático, destacado nos anos 70. De 1950 a 1960, a verdade se vincula à negatividade do movimento do desejo, em contrapartida, na década de 70, passa a ser, por um lado, um lugar dentro da estrutura discursiva e, por outro, um semidizer, cujo modelo é o do enigma. Nesse caminho, identificamos que Lacan situa a verdade como um problema de linguagem que centraliza a dimensão da enunciação suportada pelo semblante. Logo, a ideia de um discurso que não fosse semblante aparece como chave de leitura para se interrogar a verdade.

Palavras-chave: discurso do analista, linguagem, psicanálise, semblante, verdade.

Abstract

This article is organized around the question presented by Lacan in his Seminar, book 18 – On a discourse that might not be a semblance: from where is the truth questioned? Starting from a methodological proposal of literature review, we resorted to the Lacanian route concerning the notion of truth in his teaching, which led him to such questioning. For this, we take as a guideline the recognition of two main paradigms: the structural anthropological and linguistic, present in the 1950s and 1960s; and the logical-mathematical paradigm, highlighted in the 1970s. In the 1950s and 1960s, we found the truth linked to the negativity of the movement of desire. Already in the 1970s, truth becomes, on the one hand, a place within the discursive structure; and, on the other hand, a semi-sayer, whose model is that of the enigma. In this way, we identify that Lacan places the truth as a problem of language that centralizes the dimension of the enunciation supported by the semblant. Therefore, the idea of a speech that was not a semblance appears as a reading key to interrogate the truth.

Keywords: the analyst's discourse, language, psychoanalysis, semblance, truth.

Resumen

Este artículo se organiza en torno a lo que Lacan plantea en el Seminario, libro 18 – *De un discurso que no fuera semblante*: ¿desde dónde se interroga la verdad? A partir de una propuesta metodológica de revisión de la literatura, recurrimos al recorrido lacaniano en torno a la noción de verdad en su enseñanza, que lo condujo a dicho interrogante. Para ello, tomamos como hilo conductor el reconocimiento de dos paradigmas principales: el antropológico y lingüístico-estructural, presentes en las décadas de 1950 y 1960, y el paradigma lógico-matemático, destacado en la década de 1970. Entre 1950 y 1960, la verdad se vincula con la negatividad propia del movimiento del deseo; en cambio, en la década de 1970 pasa a ser, por un lado, un lugar dentro de la estructura discursiva y, por otro, un medio decir, cuyo modelo es el enigma. A lo largo de este recorrido, identificamos que Lacan sitúa la verdad como un problema de lenguaje que centra la dimensión de la enunciación sostenida por el semblante. De este modo, la idea de un discurso que no fuera semblante aparece como una clave de lectura para interrogar la verdad.

Palabras clave: discurso del analista, lenguaje, psicoanálisis, semblante, verdad.

Résumé

Cet article s'organise autour de ce que Lacan présente dans le Séminaire, livre 18 – *D'un discours qui ne serait pas semblant* : d'où la vérité est-elle interrogée ? À partir d'une proposition méthodologique de revue de la littérature, nous nous sommes appuyés sur le parcours lacanien autour de la notion de vérité dans son enseignement, ce qui nous a conduits à cette interrogation. Pour cela, nous avons retenu comme ligne directrice la reconnaissance de deux paradigmes principaux : le paradigme anthropologique et le paradigme linguistique structural, présents dans les années 1950 et 1960, ainsi que le paradigme logico-mathématique, mis en avant dans les années 1970. De 1950 à 1960, la vérité se lie à la négativité du mouvement du désir ; en revanche, dans les années 70, elle devient, d'une part, un lieu au sein de la structure discursive et, d'autre part, un mi-dire, dont le modèle est celui de l'énigme. Dans cette démarche, nous avons identifié que Lacan situe la vérité comme un problème de langage, en mettant au centre la dimension de l'énonciation portée par le semblant. Ainsi, l'idée d'un discours qui ne serait pas du semblant apparaît comme une clé de lecture pour interroger la vérité.

Mots-clés : discours de l'analyste, langage, psychanalyse, semblant, vérité.

Este artigo se organiza em torno da questão apresentada por Lacan, em *O Seminário, livro 18 – De um discurso que não fosse semblante: de onde se interroga a verdade?* (Lacan, 1971/2009, p. 66). Parte-se da hipótese de que a formalização da psicanálise como um discurso reúne as condições necessárias para que esse questionamento possa emergir dentro de uma estrutura analítica. Reconhecem-se elementos como a qualidade do sujeito e do objeto psicanalíticos, a descontinuidade entre o saber e a verdade, o descompasso entre o enunciado e a enunciação e a presença do Real na estrutura.

Nesse sentido, tomando a elaboração que Lacan havia traçado sobre a verdade até o início dos anos 1970, o trabalho da psicanálise se sustenta ao interrogar a verdade por uma outra perspectiva, diferente da abordagem da verdade pela filosofia ou pela ciência. Isso implica, de um lado, interrogar a verdade a partir de uma Outra cena – o inconsciente – e, de outro, considerar o pressuposto psicanalítico de um fundamento não-todo, ou seja, trabalhar com a incompletude. Ambos os aspectos são evidenciados nas bases metodológicas utilizadas por Lacan: a linguística e a antropologia estrutural, que possibilitaram o reconhecimento do inconsciente estruturado como uma linguagem, e o paradigma lógico-matemático, que viabilizou a abordagem de aspectos singulares da estrutura psicanalítica – um sujeito evanescente e um objeto inapreensível.

Localizado no momento de transição do paradigma lingüístico-estrutural para o lógico-matemático, *O Seminário, livro 17 – o avesso da psicanálise* apresenta um gesto de formalização da psicanálise ao propor a teoria dos quatro discursos (Lacan, 1969-1970/2016). Esse movimento destaca a experiência analítica ao colocá-la em relação a outras três posições discursivas: o discurso do mestre, posição dominada pelo poder; o discurso do universitário, no qual o saber tirânico está em evidência; e o discurso da histeria, que acentua a autoridade do sintoma. O discurso do analista – nome dado por Lacan à posição discursiva que se refere à *práxis* analítica – diferencia-se dos demais por destacar, em sua estrutura, a incompletude própria com a qual trabalha a psicanálise.

Nesse âmbito, a verdade passa a representar um lugar que “só se distingue [...] ao aproximar o que está em jogo no funcionamento daquilo que advém da articulação nesse lugar” (Lacan, 1969-1970/2016, p. 107), isto é, ao ser ocupada por uma das letras que compõem as estruturas discursivas. O matema dos quatro discursos se organiza em uma estrutura que possui quatro lugares fixos – o agente, o outro, a produção e a verdade –, onde circulam quatro letras – o significante-mestre (S1), o saber (S2), o sujeito (\$) e o objeto *a* (*a*). A cada quarto de giro, a mudança de posição das letras monta um dos quatro discursos.

A partir do primado do inconsciente, a verdade adentra as tramas psicanalíticas com um certo traço de ocultamento, como um enigma que permeia a história languageira do sujeito e, desse modo, aparece como algo sobre o qual é possível traçar um questionamento. Na altura dos anos 1970, em seu *Seminário, livro 18 – De um discurso que não fosse semblante*, Lacan (1971/2009, p. 66) destaca o horizonte sobre o qual se debruça, o ponto sobre o qual, naquele momento de seu ensino, pretendia chegar: se a verdade tem estrutura de ficção (Lacan, 1956-1957/1995) e se o seu modelo é o do enigma (Lacan, 1969-1970/2016), “de *onde* [ênfase adicionada] se interroga a verdade?” (Lacan, 1971/2009, p. 66). A ênfase no advérbio, conforme destacado por nós, implica um lugar de onde seria possível interrogar uma verdade que corresponda à noção da verdade psicanalítica.

Assim, a revisão bibliográfica que se estabelece neste estudo passa por um breve percurso acerca da noção de verdade no ensino de Lacan, com o intuito de criar uma linha de evolução de pensamento que fez com que autor chegasse ao questionamento do Seminário 18. Passaremos pela construção da noção de verdade no paradigma estruturalista e por sua relação com o ideal de ciência e com a linguagem; em sequência, discutiremos a evolução do conceito a partir de sua aproximação com o registro do Real, dentro do paradigma lógico-matemático, e, por fim, apresentaremos mais detidamente o momento no qual Lacan apresenta o referido questionamento, destacando o conceito disseminado nesse seminário: o de *semblante*.

A Psicanálise, a Ciência e a Linguagem: A Verdade no Antro da Negatividade

Durante todo o ensino de Lacan, percebe-se uma relação marcante com a problemática da verdade, mesmo que ela tenha sofrido modificações importantes conforme o psicanalista francês progredia no desenvolvimento de suas proposições. Entre as décadas de 1950-1960, a abordagem metodológica que acompanha seu avanço teórico encontra-se subsidiada pela linguística e pela antropologia estrutural, que fazem da *estrutura* o operador epistemológico fundamental.

No que tange à verdade, Lacan (1955/1998b) a apresenta a partir de uma grande prosopopeia, que a coloca no centro da linguagem, pois, nesse momento, a verdade, ela mesma, fala. E a verdade fala como que de solavancos, pelos sonhos, chistes e atos falhos, ou seja, apresenta-se na contingência da palavra como aquilo que pode, eventualmente, falar. Nesse período, Lacan dá importância ao registro do Simbólico e isso produz consequências na maneira como a noção de verdade é abordada, destacada por uma figura de linguagem e fundamentalmente distinta da realidade.

Nesse momento, o campo de desenvolvimento lacaniano é o campo da linguagem que, junto às bases do estruturalismo, define que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1964/2008a, p. 27). De modo sumário, essa importante asserção ressalta uma articulação significativa que compõe a estrutura do inconsciente, evidenciando seu sujeito (sujeito do inconsciente). Ao contrário da relação biunívoca entre significante e significado, presente no signo linguístico saussuriano, Lacan não só nega essa correspondência, mas dá ao significante um lugar de primazia em detrimento do significado. Logo, o significante (S1), *a priori*, não possui significado algum. É preciso a articulação de um segundo significante (S2) para que um significado possa ser retroativamente construído.

Afirmar que o significante, sozinho, sem articulação, não possui significado algum, equivale a registrar que ele depende de uma relação. O significante é definido por seu lugar sistêmico, pela posição que ocupa em relação a outro significante (Milner, 1996). É apenas nessa posição que ele pode representar algo para outro significante. Lacan (1960/1998) indica dois movimentos distintos em relação à cadeia significante: 1. O movimento sincrônico, que trata da construção da cadeia significante e que podemos ler do S1 para o S2, do S2 para o S3, e assim sucessivamente. 2. O movimento diacrônico, que corresponde à leitura do significado, de modo que a cadeia, já construída, é lida de trás para frente: do S3 para o S2, do S2 para o S1.

No intervalo que entre a ligação de um significante e outro existe uma hiância fundamental, na qual é suscitado o sujeito dividido. Esse sujeito é caracterizado por ser dividido e descompletado, ou seja, esvanecido frente à causa de seu desejo. Isso porque, além da produção de um sujeito, a operação languageira produz também um resto inapreensível pelo Simbólico. A esse resto, Lacan dá o nome de objeto *a*, o objeto causa de desejo. Desse modo, destaca-se que a estrutura mínima em que se opera a linguagem é composta por S1 (significante-mestre), por S2 (significante que designa o saber articulado em cadeia), pelo \$ (sujeito barrado do inconsciente) e pelo objeto *a*.

A abordagem da linguagem e do significante está situada, portanto, no paradigma da estrutura, isto é, na redução da operação languageira a seus elementos mínimos, sem os quais não há movimento de linguagem. Desses quatro elementos, destaca-se o objeto *a* como pertencente à redução, entretanto, é um pertencimento pela via da exclusão. Por não ser apreensível pelo Simbólico, o objeto *a* está fundamentalmente excluído da estrutura, porém, a sua exclusão é a condição para que essa estrutura exista e funcione.

Essa propriedade referida ao objeto *a* destaca uma função de negatividade que, de um lado, remete ao conceito de desejo e, do outro, à verdade psicanalítica. Vejamos as consequências clínicas disso: nessa altura, Lacan trabalha com a ideia de uma palavra plena, ou seja, com um momento no qual o sujeito em análise seria capaz de se apropriar de seu discurso, inclusive do que nele se apresentava claudicante, inconsistente. O que se reconhece é “justamente essa assunção de sua história pelo sujeito, no qual ela é constituída pela fala endereçada ao outro” (Lacan, 1953/1998, p. 258). Essa história subjetiva, movimentada pela fala no processo de análise, é o que remete à verdade do sujeito. Essa verdade, entretanto, é

estruturada sumariamente como uma ficção. Isso porque, assim como a maioria do que se encontra na temática das origens, a verdade construída como história parte de um ponto nebuloso, negativo, a partir do qual o sujeito constrói algo que não pode ser outra coisa, senão uma ficção.

O sujeito, assim, se apropria da lacuna existente em seu discurso, como a confissão de uma verdade subjetiva, encenada na fala dirigida ao analista. Contudo, a lacuna não se extingue, pois o que ela determina é a necessária inconsistência do Outro da linguagem¹. Logo, ao se apropriar das falhas de seu discurso, o sujeito também se apropria da falta do Outro, que coloca em destaque a própria capacidade de desejar, permitindo ao sujeito “reconhecer o desejo em sua forma pura e desprovida de qualquer conteúdo empírico” (Nunes, 2015, p. 425). Nesse sentido, relacionar o desejo com uma certa função de negatividade significa apontar o desejo puro como aquele que comporta uma negatividade absoluta, isto é, aquele que não pode ser remetido a nenhum objeto e que, por isso mesmo, não é redutível nem à necessidade e nem à demanda.

Em meio a esse raciocínio da negatividade, tanto no que tange ao desejo quanto à verdade é que se insere o objeto próprio da psicanálise, a saber, o objeto *a*. Tomemos a discussão em sua comparação com o objeto da ciência. Para a psicanálise, a linguagem não possui uma função puramente comunicativa, como abordam outras áreas do conhecimento. Pelo contrário, a linguagem, por situar-se no Simbólico e veicular-se na cadeia significante, possui uma função castradora que coloca em evidência a descontinuidade entre a linguagem e o mundo das coisas. Enquanto, no senso comum, uma verdade é enunciada a partir da equivalência entre o discurso e o objeto do qual se fala, para a psicanálise, a verdade aparece no descompasso entre a realidade e o discurso, lugar onde, estruturalmente, encontra-se o sujeito (Silveira, 2022).

No entanto, a função social da linguagem ainda nos faz crer no engodo de que é possível dominar o mundo das coisas por meio da palavra. É nesse sentido que Silveira (2022, p. 161) pontua que “a noção de mundo se reduz, assim, à reiteração, na estrutura, de uma potência para ser dito”. Em outros termos, o domínio da linguagem cria a ideia de que o objeto – designado por ela – corresponde à imagem de um mundo que, por sua vez, seria acessível ao sujeito. Diante disso, a discussão que a psicanálise empreende a partir do conceito de inconsciente é justamente a respeito do que *é* e do que *não é* recoberto pela linguagem, o que *pode* e o que *não pode* ser objeto de conhecimento.

De acordo com a tradição científica, o psíquico está relacionado à consciência, vinculando o fenômeno psíquico ao fenômeno de conhecimento. Como explica França (2013), se “identificássemos o psiquismo com a consciência, o inconsciente seria exclusivamente de ordem física. Porém, se partirmos do princípio de que algo do psíquico pode ser inconsciente, a Psicologia não se pode reduzir à ciência da consciência” (p. 179). O inconsciente psicanalítico representa, assim, uma parcela do psíquico que, em primeiro lugar, não é exatamente física e, em segundo lugar, não é recoberta pela consciência. Nesse sentido, ao compreender o inconsciente a partir do estruturalismo, ou seja, ao perceber o inconsciente como uma linguagem, Lacan introduz a separação entre o fenômeno psíquico e o fenômeno de conhecimento, concedendo à linguagem um alcance limitado, no sentido de *nomear* os objetos do mundo. Isso porque a própria noção de inconsciente implica um desconhecimento e, desse modo, “como o objeto poderia ser acessível ao pensamento se nem o pensamento é acessível a si mesmo?” (Silveira, 2022, p. 162).

Esse seria o diferencial da psicanálise com relação à ciência, no que se refere à apreensão do objeto, e, consequentemente, ao tratamento da verdade. Nesse momento, Lacan encontra-se às voltas com o ideal de ciência, chegando a discutir, mais detidamente, as interseções e disparidades entre a psicanálise e a ciência em seu texto de 1966, intitulado *A ciência e a verdade*. Ainda tomando parte no estruturalismo, Lacan (1966/1998a) salienta que o reconhecimento do inconsciente como estrutura deriva da posição que o analista toma diante da divisão subjetiva, pois, assim como a ciência parte de uma hipótese, o inconsciente deve ser entendido dessa mesma maneira pelo analista. Em outros termos, é a tomada de posição do analista frente ao inconsciente do analisando que produz efeitos no sujeito e que aponta diretamente para a separação fundamental entre o saber e a verdade, de modo que a ideia de um conhecimento consciente do analisando é substituída por um saber, o que o aproxima da verdade.

Para Lacan, o sujeito é dividido entre o saber e a verdade, uma divisão exemplificada pelo fato de que a inscrição não se grava do mesmo lado do pergaminho quando vem da impressora da verdade ou da do saber. Que essas inscrições se misturam era algo a ser resolvido simplesmente na topologia: estava ao alcance da mão uma superfície em que o direito e o avesso acham-se em condições de se juntar por toda parte (Lacan, 1966/1998a, p. 878).

A topologia a qual Lacan se refere é a banda de Moebius, uma figura que mostra a evolução da geometria euclidiana e permite que os lados de dentro e de fora não sejam exatamente delimitados. A divisão do sujeito entre o saber e a verdade é experimentada dessa forma, o que, segundo França (2013), marca uma deslocalização da verdade. Isso não significa, no entanto, que a verdade seja um antro à deriva, mas, sim, que se trata de um não lugar – no qual a negativa marca uma diferença –, circunscrito nas características do *Unheimlich* freudiano, reconhecido como familiar, mas também tomado como estranho. Nesses termos, o movimento da verdade psicanalítica é estabelecido, em primeiro lugar, a partir de uma

¹ A inconsistência do Outro da linguagem se refere à ausência de um significante que completaria o Outro, a ordem simbólica. Logo, aponta para o fato de que há uma incompletude estrutural no registro do simbólico.

subversão ao valor da consciência e do conhecimento – que França (2013) chama de saber instituído – e, em segundo lugar, cava sua existência de um modo singular, no qual o dentro e o fora, juntos, “estabelecem, fugaz e contingencialmente, a existência impossível de um universo localizado” (França, 2013, p. 185).

Na discussão que trata do ideal de ciência, Lacan situa a psicanálise a partir de uma formalização que não desconsidere a subjetividade e, portanto, que não suture o sujeito. Desse modo, é possível atuar analiticamente no campo da verdade, entendendo-a como verdade do sujeito que, por essa razão, necessita de uma fenda, uma abertura fundamental no plano Simbólico. O movimento científico, desde sua inauguração, é codependente do pensamento como único recurso à aquisição de um conhecimento seguro. Vale lembrar que a verdade cartesiana foi traduzida pela máxima “penso, logo sou”, o que significa afirmar que o domínio da consciência é o responsável pela construção de um saber capaz de formalizar o objeto científico. A psicanálise, no entanto, trabalha sobre um objeto cuja condição própria, de objeto perdido, excluído da estrutura, torna-o impossível de ser todo-formalizado. Em vista disso, a ideia com a qual Lacan trabalhará será a formalização do impasse, maneira pela qual o psicanalista francês encontrou de não deixar escapar o atravessamento que o Real empreende no Simbólico e que marca o movimento inapreensível do sujeito.

Dito isso, embora a verdade esteja relacionada ao discurso, a linguagem, por si só, não possui a função de dizer a verdade. Para a psicanálise, a verdade não se constitui como um mero acordo envolvido na função de comunicação (Silveira, 2022), pelo contrário, compreende o ponto da linguagem, o qual é subjetivo, singular e ficcional. Dessa forma, mesmo que o objeto seja constituído na linguagem, ele se apresenta a partir da negatividade encontrada no desejo, que, por sua vez, remete ao aparecimento do sujeito na cadeia significante. Aquilo que se refere à linguagem e que é compartilhado é o que se constitui como realidade, visto que a realidade é uma consequência imaginária do plano Simbólico da linguagem. O domínio Imaginário, devido à sua própria constituição, via imagem especular, organiza uma ilusão de completude que constrói o plano da realidade.

O discurso, por outro lado, constituído no plano Simbólico, mesmo que faça parte do que é situado pela realidade, tem um ponto de referência particular. Em seu *O Seminário, livro 5 – As formações do inconsciente*, Lacan relaciona a verdade a essa referência, aduzindo que

pelo simples fato de ser fala, o discurso funda-se na existência, em algum lugar, do termo de referência que é o plano da verdade – da verdade como distinta da realidade, o que faz entrar em jogo o possível surgimento de novos sentidos, introduzidos no mundo ou na realidade. Não se trata de sentidos que estejam presentes ali, mas dos sentidos que a verdade faz surgir neles, que ela literalmente introduz (Lacan, 1957-1958/1995, p. 21).

Assim, a verdade está correntemente vinculada ao negativo, que representa o movimento do desejo, movimento singular. Diante do circular do discurso, a verdade, a verdade do sujeito, ancora-se no ponto de falha que diz ao analista que o discurso fala mais do que aquilo que se diz (Lacan, 1957-1958/1995). Afinal, na prosopopeia de Lacan, “eu, a verdade, falo” (Lacan, 1955/1998b, p. 410).

Se a verdade, de fato, fala, de que modo esse dizer é estruturado, visto que há, constantemente, a presença de uma negatividade que circunda a noção de verdade? Ademais, se o objeto da psicanálise é inapreensível, como Lacan organiza a proposta de uma formalização? Ambas as questões encontram seus desdobramentos por volta dos anos 1970, quando o paradigma estruturalista passa a ser percebido por Lacan como insuficiente para responder às questões metodológicas que uma abordagem cada vez mais próxima do registro do Real apresentava. Veremos, a seguir, quais os efeitos que a aproximação com a lógica-matemática apresentou ao pensamento lacaniano e à sua abordagem da verdade.

O Semidizer e o Impossível: a Verdade entre o Simbólico e o Real

“Digo sempre a verdade: não-toda, porque dizê-la toda [...] é impossível, materialmente: as palavras faltam. É mesmo por este impossível que a verdade tem a ver com o real” (Lacan, 1970/2003, p. 508).

Durante os anos 1950 e 1960, Lacan serviu-se dos métodos da linguística e antropologia estruturais para que pudesse desenvolver a ideia de um inconsciente estruturado como uma linguagem, localizando a verdade no movimento simbólico do discurso. Todavia, com o avanço da estrutura dentro da psicanálise – capaz de comportar um sujeito evanescente e um objeto inapreensível –, Lacan aproxima-se do registro do Real a partir da definição de que o Real seria o impossível lógico, o qual se manifesta na falha do Simbólico, ou seja, o Real denuncia o que escapa da linguagem e, consequentemente, da estrutura. Logo, a linguística e a antropologia passam a ser insuficientes para subsidiar metodologicamente a nova seara lacaniana, fazendo com que o psicanalista francês recorresse à lógica-matemática para melhor delimitar sua própria noção de estrutura. Nesses termos, “a relação de Lacan com a estrutura atravessa o estruturalismo, mas dele não depende. A estrutura enquanto método de abordagem e recorte do Real será mantida” (Triska & D’Agord, 2017, p. 232), mas apresenta-se, agora, como uma estrutura matematizável.

Na segunda metade dos anos 1960, em *A ciência e a verdade*, Lacan (1966/1998a) indaga sobre o alcance dos métodos da linguística e da antropologia frente ao sujeito e ao objeto da psicanálise, evidenciando, uma vez mais, a sutura realizada pela ciência. Nesses termos, a lógica-matemática aparece na cena científica como uma proposta de formalização e de veiculação de conceitos que visava excluir a pura abstração da experiência, que, de certo modo, levava a uma psicologização da simbolização. A via régia utilizada por nomes como Leibniz, Boole e Frege² foi a elaboração de uma escrita puramente formal, objetiva e que não precisasse ser suplementada por nenhum outro tipo de linguagem, o que significaria dizer de uma escrita que fosse livre da ambiguidade e do equívoco próprios das línguas naturais.

Diante do trabalho dos lógicos, Lacan (1966/1998a) reconhece que:

Ela [a lógica] é, de modo incontestado, a consequência estritamente determinada de uma tentativa de suturar o sujeito da ciência, e o último teorema de Gödel mostra que ela fracassa nisso, o que equivale a dizer que o sujeito em questão continua a ser o correlato da ciência, mas um correlato antinômico, já que a ciência mostra-se definida pela impossibilidade do esforço de suturá-lo (p. 875).

Essa passagem evidencia dois pontos principais: 1. A ideia de uma linguagem puramente formal – que excluísse qualquer vislumbre de subjetividade – fracassa em si mesma, pois, como demonstra o teorema de Gödel, a formalização só é consistente na medida em que revela a própria inconsistência de sua formalização. Dito de outro modo, ela aponta não para uma formalização sem restos, mas para uma falha que, por sua vez, é lógica (Lacan, 1968-1969/2008b); 2. Aquilo que o esforço de formalização da lógica produz é o que dá a Lacan as condições para construir sua própria escrita formal, uma escrita baseada na falha lógica, característica da estrutura do sujeito.

Essa falha interessa à Lacan (1966/1998a), ao ponto de o psicanalista definir a lógica como a ciência do Real, um Real que incide na ordem simbólica como um resto que se presentifica em toda a operação. A lógica abre o acesso ao impossível que caracteriza o Real, à medida que a lógica-matemática demonstra um Real realizado matematicamente (Cardoso, 2010). Nesse sentido, o impossível não é, senão, um impossível lógico, ou seja, um obstáculo lógico contido na formalização simbólica.

Em resumo, a lógica-matemática demonstrou essa relação ao encontrar paradoxos insistentes em suas formalizações, ou seja, por mais que se esforçassem em eliminar os equívocos característicos das linguagens naturais, as fórmulas lógicas (escritas por letras matemáticas) ainda carregavam, em sua própria estrutura, os impasses dessa mesma estrutura, algo que permanecia inapreensível, mesmo fazendo parte dela. Nesse sentido, o cálculo lógico não se fechava completamente, não era capaz de produzir uma totalidade sem que se deparasse com alguma impossibilidade, um paradoxo da formalização³.

Esse tipo de paradoxo interessou a Lacan e foi por essa via que o paradigma estrutural deu lugar ao lógico-matemático, no qual se destaca a proposta de uma literalização como possibilidade de reduzir a qualidade dos objetos a letras, que compõem fórmulas matematizáveis. Lacan nomeia essas fórmulas como matemas, reconhecendo nelas a possibilidade de localizar o Real como impossível lógico, já que a letra carregaria consigo a propriedade de escrever esses pedaços do Real (Triska & D'Agord, 2017). No entanto, diferentemente dos lógicos, a letra pensada como mecanismo de transmissão representa, para Lacan, menos o impasse da formalização e mais a formalização do impasse. A psicanálise lacaniana, portanto, reconhece esse impasse como o impossível que o Real representa para qualquer trabalho com o simbólico. Não sem razão, Lacan (1971-1972/2012, 1972-1973/2008) aponta que o acesso ao Real é o Simbólico, mas um Simbólico pautado na matematização. Nesse ínterim, a letra é o recurso material utilizado por ser ela, diferentemente do significante, capaz de transitar entre o Simbólico e o Real: é uma escrita simbólica que formaliza e transmite os impasses do Real, tal qual as fórmulas lógico-matemáticas. Logo, ao paradigma linguístico-estrutural, soma-se o paradigma lógico-matemático, a fim de comportar uma estrutura psicanalítica. Por consequência, a abordagem da verdade não deixa de sofrer os efeitos desse novo encontro.

Nesse período, a verdade aproxima-se do registro do Real e dos efeitos de formalização, marcando uma parcela do impossível, que também a atravessa. A verdade que fala produziu consequências a nível discursivo, culminando em uma apresentação formalizada do que Lacan (1969-1970/2016) chamou de estrutura discursiva, destacada em *O Seminário*,

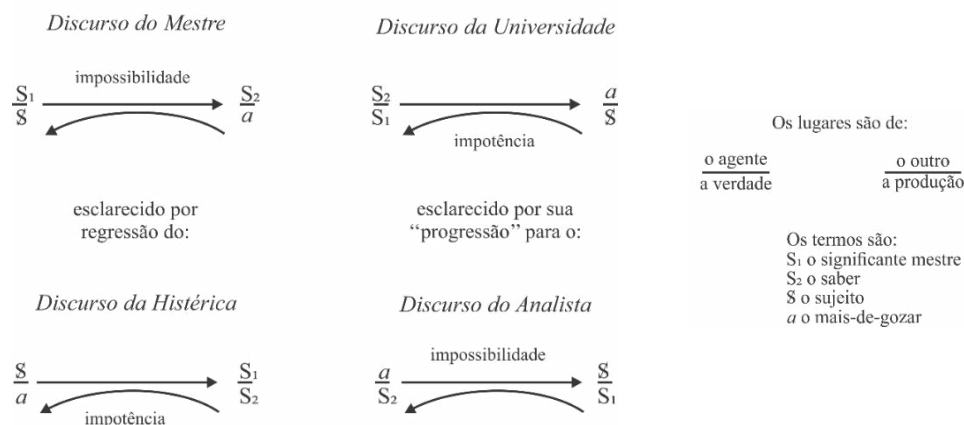
² Todos os três movimentaram-se na direção da formalização de uma escrita capaz de veicular conceitos seguramente verdadeiros, contudo o ponto de chegada de cada um foi distinto. Leibniz (1646-1716) elabora a característica universal: quatro pontos que versam sobre a possibilidade de representação de uma determinada questão de maneira biunívoca, vinculando objeto e pensamento (Le Gaufey, 2018); Boole (1815-1864) é o primeiro matemático a, de fato, subsumir uma escrita algébrica às leis da lógica, criando a chamada álgebra booleana, base para o desenvolvimento da ciência da computação; E Frege (1848-1925), localizando ainda o problema da intuição e da subjetividade na formalização de Boole, constrói uma ordem autônoma e autorreferencial para o trabalho científico do conceito, denominada Conceitografia.

³ O principal exemplo disso é o paradoxo reflexivo de Russell. Em uma forma literária e simplificada, podemos descrevê-lo da seguinte forma: imagine que há uma biblioteca que decidiu criar um catálogo (o chamaremos de “Y”) para organizar seu acervo. Nesse catálogo, será necessário constar uma lista de todos os catálogos dessa biblioteca que não citem a si mesmos em suas páginas. O paradoxo se apresenta quando nos referimos ao próprio “Y”: se “Y” é um catálogo que não cita a si mesmo, ele preenche o critério e deve entrar nessa lista, mas, ao entrar na lista, “Y” passa a citar a si mesmo, logo deve se retirar da lista. Mas, ao se retirar, volta a preencher o critério e deverá ser incluído. Assim, o paradoxo se estende, irresolúvel.

livro 17 – *O avesso da psicanálise*. Um discurso sem palavras é o modo como Lacan define o gesto de formalização dos laços sociais que escreve o matema dos quatro discursos, conforme consta a seguir:

Figura 1

O matema dos quatro discursos.



(Lacan, 1970/2003).

Nesse âmbito, o conceito de verdade sofreu uma redução importante. A verdade, alocada na teoria dos discursos, passa a se configurar como um lugar, *a priori*, vazio, pois trata-se de um lugar de passagem. Em cada uma das estruturas discursivas – o discurso do mestre, da histérica, do universitário e do analista – a verdade é um lugar que possibilita leituras causais diferentes, ao considerar a letra que o ocupa. A teoria dos discursos, no que se refere à verdade, pode ser lida como uma passagem “de uma verdade inscrita sob a rubrica da contingência a uma verdade pensada sob o regime do impossível” (Iannini, 2013, p. 37). Lacan propõe os quatro discursos a partir das três profissões impossíveis elencadas por Freud (1937/1996), o impossível de governar, o impossível de educar e o impossível de analisar, acrescentando um quarto impossível, o impossível de fazer desejar. Esse movimento evidencia uma parcela do Real que está presente em toda a estrutura de laço com o Outro que, por ser discurso, acontece por intermédio da linguagem.

Se, anteriormente, a verdade dizia algo sobre uma negatividade – acompanhada do movimento do desejo –, agora, a verdade carrega em sua estrutura um atravessamento do impossível. A formalização da psicanálise como um discurso delimita a relação íntima de incompletude entre a verdade e o saber, levando à apresentação que Lacan (1969-1970/2016) faz da verdade em *O Seminário, livro 17 – O avesso da psicanálise*, situando-a na estrutura de um semidizer, cujo modelo é o do enigma, “pois é justamente assim que ela sempre se apresenta a nós, e não certamente em estado de pergunta” (p. 108). O enigma, diferentemente da pergunta, exige do sujeito uma resposta, diante da qual ele, primeiro, vê-se obrigado a desvendar e, segundo, só o consegue a partir de uma construção de saber, singular e incompleto. Nesse ponto, Lacan (1969-1970/2016) reconhece que

Se há algo que toda a nossa abordagem delimita, que seguramente foi renovado pela experiência analítica, é justamente que nenhuma evocação da verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semidizer, que ela não pode ser inteiramente dita porque, para além de sua metade, não há nada a dizer (pp. 53-54).

Isso significa que, mesmo situada no discurso, a verdade nunca pode ser totalmente dita, pois há uma parcela na qual o registro Simbólico não alcança. Não por acaso, o lugar destinado à verdade nas estruturas discursivas é um lugar barrado, abaixo da barra, que, nesse âmbito, representa um lugar não-todo acessível. Em *O Seminário, livro 20 – Mais, ainda*, Lacan (1972-1973/2008) nomeia a verdade psicanalítica como uma verdade cônica que, de antemão, não pretende ser toda e que tem como prerrogativa o fato de não ser levada até o fim na perspectiva simbólica da linguagem.

Diante disso, a verdade do discurso serve como posição que sustenta o movimento discursivo do sujeito, a partir do que o manejo subjetivo da falta e da castração foi capaz de responder, marcando, para cada um, a estrutura de uma verdade que, além de semidita e proveniente de um enigma, escreve uma ficção singular. Essas propriedades a colocam no entremeio entre o Simbólico – com aquilo passível de ser dito – e o Real –, garantindo uma parcela do impossível. Reiterando isso, Iannini (2013, p. 283) destaca que “o impossível da ficção é indispensável ao funcionamento da linguagem e da subjetividade. Mais do que isso, o impossível é real. O que liga a linguagem ao real segundo a estrutura de ficção é

justamente a verdade”. A ficção, organizada como ponte entre o Simbólico e o Real, é o que dá consistência ao discurso, concedendo uma abertura à dimensão da verdade. Dito de outro modo, quando o impossível que atravessa a verdade age do vazio do Real em direção ao Simbólico, a única construção possível é uma ficção, que guarda em sua estrutura o furo que o Real engendra no Simbólico.

É somente nesse âmbito que a psicanálise reconhece a verdade. Ela gravita na linguagem e, por esse motivo, enlaça Real e Simbólico em uma maneira própria de fazer manifestar o sujeito. A incidência da linguagem divide o sujeito, e um de seus efeitos é o afastamento entre o sentido e a verdade, pois o impossível aí instaurado diz também de um limite que concerne à própria linguagem, já que há, portanto, a inexistência “de uma instância discursiva capaz de identificar o real como real, ou a verdade como verdade” (Iannini, 2013, p. 204). Nesses termos, o que entra em cena é da ordem do semblante, categoria que coloca em jogo a verdade e o Real, a partir da função significante no discurso. Seguiremos, agora, para as consequências do emprego do semblante na teoria dos quatro discursos e nos efeitos produzidos acerca do questionamento da verdade.

O Semblante: Entre a Verdade e a Mentira

Na teoria dos quatro discursos, o estatuto atribuído à verdade em sua relação de descontinuidade com o saber traz como consequência uma torção no uso da linguagem, que é apresentada quando se emprega o conceito de semblante. Nesses termos, o lugar de agente do discurso é nomeado por Lacan (1971/2009) também como semblante, ou seja, dentro das leis de linguagem que organizam um universo, o do discurso, aquele que fala é, também, semblante. E aquele que fala é sempre sustentado por uma verdade. Iannini (2013) nos lembra que “a questão da verdade abre-se para o humano porque a linguagem o arranca da natureza, num distanciamento duplo: o sujeito separado do objeto, aliena-se na linguagem” (p. 281) e esse distanciamento é o que provoca no homem a capacidade de fingir, à medida que a operação linguageira o faz sujeito do significante.

Ao animal, por exemplo, não há questão sobre a verdade, pois não há operação de linguagem que, ao separá-lo do objeto, deixe algum tipo de rastro aberto à interpretação, ou seja, não há questionamento sobre tomar o falso pelo verdadeiro. O homem, por outro lado, “é um animal que pode fingir que está fingindo: é o que se faz no teatro, por exemplo. É também por essa razão que ele pode fingir mesmo quando diz a verdade, como o poeta fingidor de Fernando Pessoa⁴” (Iannini, 2013, p. 281). A capacidade de fingimento só é possível pelo fato de que a verdade é, exclusivamente, encontrada na fala sob o formato de um semidizer, que atesta o impossível de dizer somente a verdade, mas também o impossível de não a dizer. Desse modo, o semblante não opera em oposição à verdade, mas, ao trazer – via discurso – uma relação estreita entre a verdade e a mentira, transitando pelo impossível, o semblante articula-se ao Real.

Dunker (2017), ao tecer comentários acerca de *O Seminário, livro 18 – De um discurso que não fosse semblante*, trabalhando a relação entre a verdade, o discurso e o semblante, retoma uma das noções mais difundidas sobre a verdade na filosofia, a ideia de *Aletheia*. *Aletheia* é uma palavra de origem grega, retomada por Heidegger, para dizer da verdade como algo que se revela e, nesse sentido, que pressupõe um esquecimento. Esse revelar também se liga à ideia de encobrimento, pois [...] velar quer dizer cobrir, justamente, a imagem que costuma ser usada para designar a relação entre aparência e essência. Aparência constitui o que encobre, deforma, faz um velamento. Quando se retira a aparência, aparece a essência. Velar é encobrir, mas revelar é velar uma vez mais e, nesse sentido, aquilo que é duplamente velado, torna-se mostrado. Quando Jacques Lacan propõe que o semblante se encontra suportado pela verdade, só podemos ler com essa chave (Dunker, 2017, p. 68).

Portanto, recorrendo ao lugar que Lacan dá ao semblante no discurso, a noção da *Aletheia* parece articular-se à relação entre o semblante e a verdade, e não à verdade em si, compreendida em termos psicanalíticos. Contudo, esse encadeamento entre o semblante e a verdade apresenta-se bastante emaranhado, no sentido de que é difícil visualizar uma separação precisamente clara entre os dois. A exemplo disso, no início do referido Seminário, de acordo com Lacan (1971/2009), é quando a função do semblante falha que algo do Real aparece. Na estrutura do discurso, o semblante está acima da barra que esconde a verdade, apoiado nela, porém, quando ele falha, não é a verdade que é revelada – como nos levaria a pensar pela *Aletheia*. O que desponta é o Real, de modo que “no fracasso do semblante, aparece algo que não advém do discurso, da palavra, da linguagem” (Dunker, 2017, p. 71), assim, é algo que escapa, mas que não deixa de pertencer ao movimento do discurso. Isso nos leva a presumir que há uma relação de interdependência entre o semblante, a verdade e o Real, que, por sua vez, mostra-se apenas no que se passa no discurso.

Sobre isso, Lacan (1971/2009, pp. 25-26) salienta que “a verdade é a dimensão, ou diz-mansão – se vocês me permitem criar uma nova palavra para designar esse godês – estritamente correlata àquela do semblante. A diz-mansão⁵ da verdade sustenta a do semblante”. Nesses termos, acompanhamos Cassin (2017), ao compreender que o neologismo

⁴ “O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente”. Trecho do poema *Autopsicografia*, de Fernando Pessoa.

⁵ No original, *dit-mension*.

lacaniano – ao unir a palavra francesa *dit* (dito) com a palavra inglesa *mansion* (casa) – identifica que a ficção da verdade é discursiva, vinculada ao campo do Outro da linguagem. Dito de outro modo, ela “é um efeito de significante, sendo ela mesma significante, eficaz, produtora de efeitos” (p. 43). Afinal, a verdade fala.

Essa é a novidade que Lacan aponta quando, ainda neste Seminário, retoma seu texto de 1955, afirmando que “o primeiro fato novo, desde que o oráculo começou a funcionar, isto é, desde sempre, é um de meus escritos, chamado ‘A coisa freudiana’, no qual indiquei algo que ninguém jamais dissera, hein? [...] Eu disse que a verdade fala Eu” (Lacan, 1971/2009, p. 66). Isso posto, retomemos o texto mencionado por ele, no trecho em que o psicanalista faz a verdade falar:

Mas eis que a verdade, na boca de Freud, pega o dito touro à unha: “Sou para vós, portanto, o enigma daquela que se esquia tão logo aparece, homens que tanto consentis em me dissimular sob os ouropéis de vossas conveniências. Nem por isso deixo de admitir que vosso embaraço seja sincero, pois, mesmo quando fazeis de vós meus arautos, não valeis mais ao portar minha bandeira do que essas roupas que vos pertencem e que se parecem convosco, fantasmas que sois. Por onde, afinal, irei passar em vós, onde estava eu antes dessa passagem? Será que um dia vo-lo direi? Mas, para que me encontreis onde estou, vou ensinar-vos por que sinal reconhecer-me. Homens, escutai, eu vos dou o segredo! Eu, a verdade, falo [ênfase adicionada] (Lacan, 1955/1998b, p. 410).

Partindo da pergunta inicial, “de onde se interroga a verdade?” [ênfase adicionada], admitimos, no trecho acima, que a verdade dá um sinal de como reconhecê-la, e o sinal é o de que ela, a verdade, fala, logo, sugere-se que podemos encontrá-la na fala. Mas, de que modo ela fala? Pois afirmar que a verdade fala é diferente de afirmar que ela diz a verdade, como aponta Lacan, no *Seminário 16 – De um Outro ao outro* [ênfase adicionada]: “Eu fiz dizer à verdade: eu, a verdade, falo [ênfase adicionada]. Mas não a fiz dizer, por exemplo: eu, a verdade, falo para me dizer como verdade [ênfase adicionada], nem para lhes dizer a verdade” [ênfase adicionada] (Lacan, 1968-1969/2008b, p.168). Trata-se de uma afirmação que produz consequências na maneira como tomamos a linguagem, pois ela nos conduz a uma separação importante entre enunciado e enunciação.

Dessa forma, o eu que se apresenta no enunciado não é o mesmo eu que desponta da enunciação, e a descoberta freudiana do inconsciente é o que atesta esse fato. De acordo com Iannini (2013), Lacan vincula a emergência da verdade à novidade freudiana do inconsciente, fazendo-a portadora de uma retórica própria, posição adotada e desenvolvida nas décadas de 1950 e 1960. Contudo, a interrogação de Lacan sobre a verdade – com a qual estamos trabalhando – apresenta-se no início dos anos 1970, cuja formulação da verdade já atingiu o conceito do semidizer como dispositivo de enunciação. Nesse ponto, podemos assumir que a verdade fala por meio de um semidizer, que aparece na enunciação.

Enquanto a verdade filosófica e a verdade científica pretendem mostrar-se por seus enunciados, a verdade da psicanálise se manifesta na primazia da enunciação. Logo, o que ela reconhece é o fato de que a pretensão de que um enunciado diga o verdadeiro sobre o verdadeiro – como fazem a ciência e a filosofia – elimina a dimensão da enunciação. Na contramão dessa concepção, a psicanálise não admite que haja uma verdade da verdade, pura e simplesmente. É o que corresponde à crítica lacaniana à metalinguagem, ao Outro (A) como um conjunto completo e fechado. Entender o Outro, desse modo, seria admitir que existe uma instância capaz de compreender, em si mesma, todos os significantes e, portanto, todas as significações possíveis. Contudo, essa é uma concepção da qual a psicanálise não compactua, colocando no lugar desse Outro (A) um Outro incompleto e barrado, que insere no campo da linguagem aquilo que resiste à palavra. Assim, afirmar que o Outro é barrado e afirmar que não há metalinguagem é a condição lacaniana para que a verdade se apresente como um semidizer (Iannini, 2013) na enunciação.

Nesses termos, “a enunciação está na ordem de toda representação possível, a qual se contrapõe ao princípio de não contradição aristotélico, por poder operar com a contradição, sem a qual, não se pode dizer nada” (Figueiredo, 2017, p. 446). O protagonismo que a psicanálise concede à fala/linguagem se justifica por sua capacidade de cometer equívocos, nos quais o sujeito da enunciação e o próprio inconsciente aparecem. Diferentemente disso, a lógica aristotélica – que tinha como intuito julgar o valor de verdade de um enunciado a partir de algumas proposições – propõe três princípios: 1. Princípio da identidade, no qual uma sentença verdadeira é verdadeira e uma sentença falsa é falsa; 2. O princípio do terceiro excluído, para o qual ou uma sentença é verdadeira ou é falsa, não havendo uma terceira opção; 3. O princípio da não-contradição, em que uma sentença não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo.

A inserção da descoberta freudiana no campo do conhecimento abala, principalmente, o terceiro princípio, pois, como retoma Lacan (1971/2009, p. 68), “é exatamente isso que vocês descobrem com o inconsciente [...]. Que o inconsciente sempre diga a verdade e minta é, partindo dele, perfeitamente sustentável”. Da mesma maneira acontece com a verdade. “Da verdade, vocês só sabem alguma coisa quando ela se desencadeia” (p. 68), quando ela fala, via enunciação, podendo, inclusive, a verdade dizer “eu minto”. O “eu minto”, paradoxo conhecido na lógica clássica, quando questionado no nível da fala e da enunciação, admitidas pela Outra cena – o inconsciente –, não se apresenta mais como um paradoxo. Lacan (1971/2009, p. 67) faz menção a isso de uma forma interessante: “vou recordar-lhes, mais simplesmente, uma coisa que já enfatizei, a saber, que qualquer dos pretensos paradoxos em que se detém a lógica clássica, nominalmente o do eu minto

[ênfase adicionada], só se sustenta a partir do momento em que isso é escrito”. Portanto, ao analisá-lo, o “eu minto” é, no nível do enunciado – ou seja, daquilo que ele escreve – uma mentira, mas, no âmbito da enunciação, é uma verdade.

Lacan (1964/2008a) esclarece, alguns anos antes, que a divisão do enunciado à enunciação faz com que, efetivamente, do eu minto [ênfase adicionada] que está ao nível da cadeia do enunciado – o minto [ênfase adicionada] é um significante que faz parte, no Outro (A), do tesouro do vocabulário onde o eu [ênfase adicionada], determinado retroativamente, se torna significação engendrada, ao nível do enunciado, do que ele produz ao nível da enunciação (p. 138).

O eu sobre o qual a verdade fala – “a verdade fala Eu” (Lacan, 1971/2009, p. 66) – é, portanto, efeito da enunciação. A linguagem, colocada a funcionar, evidencia, além do enunciado aparente, o efeito de enunciação. Logo, o “eu minto” só pode ser tomado como um paradoxo se nos prendermos apenas ao seu valor semântico como enunciado, mas, a partir do momento em que consideramos o que há de função subjetiva na linguagem (Iannini, 2013) – e a psicanálise faz isso ao não excluir o sujeito da estrutura –, vislumbramos de que modo o problema da verdade recai sobre o Outro, o inconsciente e a enunciação. Nesse ínterim, o paradoxo se coloca onde há a separação entre o sujeito dividido – do inconsciente – e o Outro da linguagem – o Outro inconsistente e barrado.

Desse modo, Lacan (1971/2009, p. 14) afirma que “a verdade de que se trata, aquela que afirmei que diz Eu, aquela que se enuncia como oráculo, quando ela fala, quem é que fala? Esse semblante é o significante em si” e, ainda, que “tudo que é discurso só pode dar-se como semblante, e nele não se edifica nada que não esteja na base do que é chamado de significante” (p. 15). A alienação do sujeito à linguagem revela uma parcela de Real que permanece descoberta pelo Simbólico e pela cadeia de sentido, fazendo, da verdade que fala, um semidizer, apoiado pelo significante em sua insuficiência.

Não há discurso que não seja semblante, tendo em vista que o agente que faz laço – o que faz coletividade, como diz Lacan (1971-1972/2012) – não passa de um significante que se pretende como semblante. O semblante, portanto, refere-se à dimensão de uma verdade mentirosa, à medida que, falado por um significante, mostra a dinâmica existente entre o enunciado e a enunciação, apontando para o Real que está em jogo em todo o discurso.

Para Finalizar

A partir da interseção entre as categorias de verdade, semblante e Real, que acontece no campo do discurso, é que podemos encarar a questão lacaniana: “de onde se interroga a verdade?”. Pensemos na particularidade da psicanálise como um discurso. A escuta empregada pelo dispositivo analítico, agenciada pelo objeto *a*, faz com que o lugar do semblante seja um lugar dessubstancializado. A consequência disso recai sobre a evidência dada ao lugar da verdade, que, nessa montagem, é ocupada pelo saber não sabido do inconsciente, fazendo-nos retomar a afirmação de que o que é esperado de um analista é, justamente, que ele consiga operar o seu saber em relação à verdade (Lacan, 1969-1970/2016), demonstrando a estrutura da interpretação.

A interpretação psicanalítica, ao ter efeitos via objeto causa de desejo, é capaz de modificar o lugar simbólico do sujeito na dinâmica do psiquismo (Kaufmann, 1996). Dito de outro modo, por trabalhar com a equivocidade da palavra, um saber não-todo funcionando no lugar da verdade age sobre o furo existente na cadeia simbólica de sentido, produzindo, por consequência, o significante, a partir de uma outra perspectiva. Logo, o semblante como tal é esvanecido em função da enunciação dessa verdade mentirosa. Assim,

Se a experiência analítica acha-se implicada [...], é justamente por preservar a contundência da enunciação do oráculo e, eu diria ainda, porque a interpretação permanece sempre no mesmo nível. Ela só é verdadeira por suas consequências [ênfase adicionada], tal como o oráculo. A interpretação não é submetida à prova de uma verdade que se decida por sim ou por não, mas desencadeia a verdade como tal. Só é verdadeira na medida em que é verdadeiramente seguida (Lacan, 1971/2009, p. 13).

De onde é que se interroga a verdade, portanto? De um discurso que não fosse semblante. Se a interpretação desencadeia a verdade como tal, ela só o faz pelo fato de que no lugar do semblante está o objeto *a*, em uma certa função de apagamento, que, por sua vez, faz provocar a verdade que o supunha.

Nesse sentido, o discurso analítico pode se sustentar como um discurso que não é semblante, culminando na afirmação feita por Lacan (1971-1972/2012, p. 102) no seminário seguinte, de que o analista “é aquele que, ao pôr o objeto *a* no lugar do semblante, está na posição mais conveniente para fazer o que é justo fazer, a saber, interrogar como saber o que é da verdade [ênfase adicionada]”. A verdade, portanto, só pode ser interrogada a partir do que o ser falante articula como saber. O saber que é, de fato, enigma.

A partir do percurso apresentado, este estudo reúne conceitos relevantes para a clínica psicanalítica e para a pesquisa em psicanálise, indicando algumas implicações teóricas a respeito da noção de verdade. Tais implicações traçam diferenças na abordagem da verdade pela psicanálise em relação à filosofia e à ciência, principalmente no modo como se entrelaça à linguagem. Em primeiro lugar, enfatizamos que a verdade opera para além do sentido, constituindo uma ficção produzida

pelo sujeito na lacuna existente entre a realidade e o discurso. Em segundo lugar, com a incidência da lógica e a teoria dos discursos, a verdade passa a ser um lugar que sustenta o semblante de um discurso. Como consequência, não são nos ditos que encontramos a verdade, mas nos dizeres. A verdade não se apresenta por enunciados, em realidade, ela fala por meio da enunciação, por um dispositivo de semidizer, cujo modelo permanece o do enigma.

Desse modo, enquanto, em um primeiro momento, percebemos a noção de verdade mais próxima do registro do Simbólico, posteriormente, o semblante, o semidizer e a enunciação fazem-na aproximar-se do registro do Real. Aqui, encontram-se os limites de nosso estudo, pois não avançamos nos desenvolvimentos acerca da verdade a partir da topologia borromeana, na qual a amarração entre os registros Imaginário, Real e Simbólico podem trazer novas implicações e chaves de leitura.

Referências

- Cassin, B. (2017). *Jacques, o sofista – Lacan, logos e psicanálise*. Autêntica Editora.
- Dunker, C. I. L. (2017). *Discurso e Semblante*. nVersos.
- Figueiredo, I. P. (2017). Saber, verdade e gozo: O muro de linguagem e a função poética. *Ágora*, 22(2), 443-458. <https://doi.org/10.1590/1809-44142017002008>
- França, O., Neto. (2013). A função subversiva da verdade e a psicanálise. *Psicologia em Revista*, 19(2), 177-186. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682013000200003&script=sci_arttext&tlng=pt
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Strachey, trad. Vol. 23, pp. 135-164). Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Iannini, G. (2013). *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Autêntica Editora.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1995). O seminário, livro 4: A relação de objeto. Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1956–1957).
- Lacan, J. (1998a). A ciência e a verdade. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 869-892). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998b). A coisa freudiana. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 402-437). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 238-324). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (2003). Radiofonia. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 400–447). Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1970).
- Lacan, J. (2008a). O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1964).
- Lacan, J. (2008b). O seminário, livro 16: de um Outro ao outro. Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1968–1969).
- Lacan, J. (2008c). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1972-1973).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1971).
- Lacan, J. (2012). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1971-1972).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 807-842). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).

- Le Gaufey, G. (2018). *A incompletude do simbólico: De René Descartes a Jacques Lacan*. Editora da Unicamp.
- Milner, J.-C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Jorge Zahar.
- Nunes, T. R. (2015). Lacan e a negatividade do desejo. *Psicologia USP*, 26(3), 423-429. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140031>
- Silveira, L. (2022). *A travessia da estrutura em Jacques Lacan*. Blucher.
- Triska, V. H. C., & D'Agord, M. R. L. (2017). A estrutura local em psicanálise. *Psicologia USP*, 28(2), 230-238. <https://doi.org/10.1590/0103-65642015013>

Como citar:

Caversan, H. de A. C., Chaves, W. C., & Leite, C. A. de O. (2025). De Onde se Interroga a Verdade? Perspectivas da Psicanálise Lacaniana. *Revista Subjetividades*, 25(3), e14605. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i3.e14605>

Endereço para correspondência:

Helena de Almeida Cardoso Caversan
E-mail: helenacaversan@gmail.com

Wilson Camilo Chaves
E-mail: camilo@ufsj.edu.br

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite
E-mail: claudia.leite@uemg.br



Recebido em: 08/08/2023.
Aceito em: 23/10/2025.